

Espelho em pequena escala: UDN e PSD fazendo *Tempestade em copo d'agua*¹ na vila de Varzedo, Bahia (1946)

Small-scale Mirror: UDN and PSD making a *Tempestade em copo d'agua* in the village of Varzedo, Bahia, Brazil (1946)

Jorge Amorim*

<https://orcid.org/0000-0002-7388-2900>

Resumo

As duas grandes e influentes agremiações partidárias do Brasil entre as décadas de 1940 e 1960, UDN e PSD, estigmatizaram divergências desde nível federal até rincões espalhados pelo cônico-triangular território brasileiro. Em um desses locais interioranos da Bahia, na segunda metade do decênio dos 40 do século XX, representantes daqueles partidos se envolveram num conflito iniciado por situações locais, às quais este artigo irá lançar seus olhos.

Palavras-chave: Política. Local. Partidos. História.

Abstract

The two large and influential party associations in Brazil between the 1940s and 1960s, UDN and PSD, stigmatized divergences from the federal level to the corners spread across the conical-triangular territory of Brazil. In one of these inland places in Bahia, in the second half of the 1940s, representatives of those parties became involved in a conflict initiated by situations of the place, which this article will focus on.

Keywords: Politics. Local. Parties. History.

O lugar em síntese: mostrando a vila

Nos últimos tempos, monografias, artigos e dissertações de mestrado em diferentes áreas, principalmente história e geografia, têm se dedicado a estudos sobre Varzedo², município criado em 1989 que, anteriormente,

*Doutorando em História Social (Universidade Federal da Bahia) e bolsista da CAPES. E-mail: amorindoporto@hotmail.com. Agradeço a revisão textual realizada por Antônio Geovan Santos Souza, professor do componente curricular de língua portuguesa na rede estadual de educação da Bahia, Colégio Estadual Nossa Senhora da Conceição, Varzedo-Ba.

¹ A aceção está escrita seguindo a grafia do trabalho publicado em 1947 por Jorge de Faria Góis e Antônio José de Araújo intitulado *Tempestade em copo d'agua...A diligência do Sargento-delegado A. A. de Anastácio em Varzedo*. Tipografia CECI. Santo Antônio de Jesus e da Bahia. 1947. 59 p.

² Vide SOUSA, Paulo Gislan Santos. *Políticas públicas de lazer em Varzedo-Ba*. Monografia de licenciatura em

pertenceu aos municípios de Santo Antônio de Jesus e Castro Alves, todos esses incrustados na porção meridional do Recôncavo, conforme estudos realizados sobre o *pari passu* da mobilização emancipatória ocorrida entre 1985 e 1989³.

Antes de essa sua ereção à condição municipal, Varzedo foi trazida à luz com o nome de Vargem Grande em 1868 pelo padre Antônio Ângelo Gomes de Mendonça⁴, tendo como célula inicial a capela erigida pelo clérigo, onde provavelmente hoje está a igreja matriz, aumentada por células comerciais e residenciais formando aquele organismo local.

Ao redor dele, organismos locais mais antigos tiveram influxo relevante na formação de Vargem Grande, como Castro Alves, Santo Antônio de Jesus e São Miguel das Matas, municípios que remontam suas fundações ao século XVIII⁵. Dois deles, Castro Alves e Santo Antônio de Jesus, tiveram porções territoriais suas transplantadas legalmente, em 1989, para a criação do município de Varzedo⁶.

Educação Física. Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS. 2008. 47 p.; ANDRADE, Anailde Assis. *Dependência da população urbana de Varzedo-BA em relação ao comércio de Santo Antônio de Jesus-BA: uma análise geográfica*. Monografia de licenciatura plena em Geografia. Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Santo Antônio de Jesus-BA. 2007. 77 p.; JESUS, José Carlos Santos de. *Análise das transformações ocorridas na oferta de bens e serviços na cidade de Varzedo-BA após a emancipação do município*. Monografia da licenciatura plena em Geografia. Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Santo Antônio de Jesus-BA. 2007. 60 p.; AMORIM, Jorge. *“Imaginação que deu certo”: processo de emancipação de Varzedo: local, região, política e criação de um município na Bahia, Brasil (1985-1989)*. Dissertação de mestrado em História Contemporânea. Universidade de Lisboa, Portugal, 2009. 233 p.; JESUS, Elmo Manuel de. *Emancipação municipal: uma estratégia para o desenvolvimento local? O caso de Varzedo*. Dissertação de mestrado em cultura, memória e desenvolvimento regional. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Santo Antônio de Jesus-Ba. 2008; Amorim, Jorge (2021). *“Imaginação que deu certo”: mobilização emancipatória para a criação do município de Varzedo, Bahia – Brasil (1985-1989)*. *Politeia - História E Sociedade*, 20(1), 257-276. <https://doi.org/10.22481/politeia.v20i1.8515>

³ O governo da Bahia, em 2007, renomeou as regiões do Estado como Territórios de Identidade (Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia, 2007. Assim, Recôncavo passou a nomeação atualizada como Território de Identidade, estando Varzedo como município que compõe. Quanto a questão emancipatória de Varzedo ver SAMPAIO, Monsenhor Gilberto Vaz. *Emancipação de Varzedo-quatro anos de luta*. Exemplar gráfica e editora. Santo Antonio de Jesus-Ba. 2007. 332 p.; AMORIM, Jorge. *Entre a Serra e a Vargem: estudos sobre a história e as culturas de Varzedo nos séculos XIX e XX*. Exemplar gráfica e editora. Santo Antônio de Jesus-Ba. 2007. 328 p.; JESUS. Op. cit.

⁴ LOBO, Viriato da Silva. *Geographia do Município de Santo Antonio de Jesus*. 1 Edição. Typographia d' "O Commercio". Santo Antonio de Jesus-BA. 1898. 20 p.; ALVES, Isaías. *Matas do Sertão de Baixo*. Reper editora. 1967; QUEIROZ, Fernando Pinto de. *A Capela do Padre Matheus*. Sagra. Feira de Santana.1995. 409 p.; AMORIM. Op. cit.

⁵ Sobre alguns trabalhos acadêmicos e memorialistas tematizando aquelas localidades e região ver LOBO. Op. cit.; ALVES. Op. cit.; QUEIROZ. Op. cit.; OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho de. *Recôncavo sul: terra, homens, poder e economia*. EDUNEB. Salvador-Ba. 2003. 148 p.; VILAS BOAS, Ismar. *O Livro do Tombo: a história de São Miguel das Matas e do seu povo*. Trabalho mimeografado. Salvador-Ba. 1994. 291 p; AMORIM. op. cit.

⁶ Essas porções territoriais hoje são os dois principais distritos do município: São Roque nos Macacos e Tabuleiro do Castro. Estes englobam comunidades sustentadas pela economia agropecuária: cítricos, maniocultura, cacauicultura e gado de corte.

Mesmo fazendo limites com outros dois municípios, Elísio Medrado e Conceição do Almeida, as fímbrias municipais com aqueles três locais são encaradas como laços estreitos existentes entre eles e Varzedo em tempos contemporâneos. Eis uma das formas de regionalidade pela ação de proximidade populacional entre os lugares, onde limites demarcam a geografia humana e física.

O mapa delimitado de Varzedo lembra o formato de losango, tendo sua coordenada geográfica latitudinal sul de 12°58' e a longitudinal oeste de 39°23', pontuadas pelo meridiano de Greenwich, ocupando acidentado relevo de terra fertilizada pelos rios, riachos e vargens restantes que nutrem os vestígios de Mata Atlântica, um dos seis biomas brasileiros.

Segundo dados do IBGE (Censo 2022), a área do município varzedense é de 221, 399 km² e está deitada a 230, 07⁷ metros acima do nível do mar do oceano Atlântico, encontrando a maioria demográfica na zona rural (63, 1%) em relação a urbana (36,9%)⁸. Segundo dados do IBGE (Censo 2022), Varzedo possui 9.913 habitantes, com densidade demográfica de 44, 77 habitantes por quilômetro quadrado⁹.

Estes esboços geográficos, populacionais e históricos guardam, indubitavelmente, a historicidade e a historiografia que o local merece ter, e precisa, tendo como estilo a objetividade científica da história local. Esta é um oceano que independe da sua escala, extensão e demografia, além da região a que pertence, o que significa esta ser a guardiã de situações inusitadas e esquecidas que devem ser emergidas.

A história local dissecar a vila, o município, distrito ou a sub-região aos moldes da objetividade científica que exclua hipérboles bairristas, mas que não esboce quaisquer discussões que criem estereótipos mistificadores. A imparcialidade científico-historiográfica cai como uma luva em detrimento dos bairrismos, pelo fato de estes aderirem ao panfletarismo parcial.

Portanto, essa mostra histórico-geográfica do atual município de Varzedo e seu liame regional é a introdução para a querela ocorrida em 1946 na então vila de Varzedo envolvendo membros da UDN e do PSD locais, às questões loco-regionais e à organização política na Bahia em meio a um contexto de retorno da democracia com eleições diretas pós-varguismo (1930-1945).

⁷ Fonte: *Monografias Municipais*. Nordeste/ Bahia VARZEDO. IBGE. 2016/2017. 31 p.

⁸ Idem. P. 10.

⁹ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/varzedo/panorama><https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/varzedo/panorama>

História regional e local: discussão

O escritor russo Léon Tolstói (1828-1910), autor de *Ana Karenina* e *Guerra e Paz*, clássicos da literatura universal, resumiu esplendidamente que “se queres ser conhecido pelo mundo, pinta tua aldeia”. De fato, tudo começa pelo lugar que habitamos por ser ele a placenta que envolve nossa gestação, conservando a umbilical conexão entre o ser e o âmbito territorial através de comportamentos gerais obtidos de ambos.

Se os anos 1990 e 2000, iniciado o pós-queda do muro de Berlim (09 de novembro de 1989) e a dissolução da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (1990), angustiou a pena de estudiosos das ciências humanas à discussão sobre história regional e local, suas definições e contraposições, em atuais tempos de crise identitária individual a história local, *stricto sensu*, ganha seu destaque emancipado do *locus* regional, mantendo a relação.

Em linhas gerais, pode-se debater a história local a partir dela própria sem desbancá-la da região que influenciou parte da sua formação, debate esse propalado desde o início dos anos 1990 no Brasil e em outras partes do mundo, como centros acadêmicos d’além mar¹⁰, literatura vasta que nos leva a priorizar determinado elenco que eleva esse debate.

Utilizando como referenciais historiadores e geógrafos [SILVA, 1990; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001; NEVES, 2002; SANTOS, 1998], a busca da relevante defesa de conceber a região como território reprodutor contínuo¹¹, conjunto de enunciados e imagens¹² e emergência de diferenças internas¹³ serve de base referencial para se definir o local.

Este, fruto da escala regional, tem a sua história feita pelos fenômenos humanos caracterizados pelos comportamentos, gestos, memórias, formas de pensar, conflitos de poder socioeconômicos e culturais os quais estão registrados em arquivos familiares e públicos, assim como no imaginário do lugar.

¹⁰ Estudos realizados em Portugal sobre história regional e local ocorreram em junho de 1992 na Faculdade de Letras (Universidade de Lisboa), publicados através da coletânea *Primeiras Jornadas de História Local e Regional* (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2ª edição. Edições Colibri. Lisboa. 2004), coordenada por Álvaro Matos e Raul Rasga.

¹¹ SILVA, Marcos Antônio da. *República em migalhas: história regional e local*. Marco Zero. São Paulo. Anpuh. 1990.

¹² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Editora Massangana, Recife. 2001. 340 p.

¹³ NEVES, Erivaldo Fagundes. *História regional e local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade*. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-Ba; Arcádia, Salvador-Ba. 124 p.

A integração loco-regional é o trampolim para a investigação local, e nisto estudos da geografia humana trataram de antecipar.

Em *A natureza do espaço*¹⁴, o geógrafo Milton Santos (1926-2001) contribui quando mergulha do regional ao local utilizando referenciais filosóficos, destacando ser indispensável “uma preocupação ontológica *de dentro*”¹⁵ com tudo o que os seres locais produziram e produzem para darem conceito, isto é, natureza ao conjunto do lugar diante do forte discurso da globalização nas últimas décadas.

O fragmento não sobrevive sem o conjunto e vice-versa. Portanto, o século XXI teve sua aurora sob o discurso globalizante, tendo como contraposição integrante o local diante da falência identitária do indivíduo, da perda do trabalho ante o avanço tecnológico, do consumismo contumaz e, por vezes, ir-realizável, da descartabilidade humana e das enfermidades físico-psicológicas.

Tudo isso sob a magnífica e incógnita internet, popularizada dos anos 1990 e 2000 pelos @, www, https e, posteriormente, redes sociais. É a era das relações e compartilhamentos com milhares e milhões; do isolamento do ser que inclina sua cabeça, como que rezando, para o aparelho que lhe transporta ao universo virtual através de digitações e dedilhações sobre a tela – ou *touchscreen*. É a era do “antigregarismo coletivo”.

Perante essas inovações e ações do contemporâneo *homo faber*, o nacional, o regional e, principalmente, o local passaram a ser digladiados pelos interesses de muitas multinacionais e grandes empreendimentos nacionais desprendidos do vínculo ao território, colidindo com as empresas autóctones que expõem fotografias antigas do lugar¹⁶, podendo denotar certos laivos bairristas.

História local

A nação e o Estado galgam a concretude com a representatividade das instituições legais, dos símbolos e das circunscrições fronteiriças e limítrofes com países e Estados, respectivamente. É no município, todavia, que a realidade político-administrativa, social, econômica e cultural é visível cotidianamente pelas ações dos seus habitantes tanto da urbe quanto das partes rurais, onde a caminhada histórica não se fez, nem se faz, isoladamente, distante da

¹⁴ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 3ª ed. HUCITEC. São Paulo. 1999. 308 p.

¹⁵ Cf. SANTOS. Op. cit. p. 16

¹⁶ Isso pode ser comum em supermercados fundados em cidades.

escala regional. A história local deve conservar a integração à regional, não querendo afastar a excepcionalidade que a idiosincrasia do lugar tem.

Para que esta argumentação saia da “análise de pires”, nas entranhas do local, muitas vezes em lugares inimagináveis, podem ser encontrados documentos variados que vão desde escrituras de compra e venda de terras e imóveis, fotografias, correspondências (cartas, telegramas, bilhetes), testemunhos orais, textos panfletários, poemas, hino, bandeira, documentos oficiais até obras artesanais de artistas anônimos ou não, os quais para o historiador nutrem pesquisas do *tópos*.

Estes registros podem ser auferidos de dicotômicos núcleos: setores públicos como câmara municipal, prefeitura, arquivo municipal, colégios e secretarias municipais, e âmbitos privados, como das malas, de debaixo dos colchões, de dentro dos guarda-roupas, dos baús, armários e das estantes de pessoas e residências inusitadas.

A relevância de essas e outras tantas pérolas merece a contemporização interdisciplinar com a geografia crítica que estuda o local, interessando-nos aqui como referência Milton Santos e sua *A natureza do espaço*, sabendo da vasta literatura daquela área científica, que corresponde ao aprofundamento interpretativo *de dentro*¹⁷, ou seja, do lugar que, conforme o geógrafo baiano, é o mundo¹⁸.

Coadunando-se ao viés corográfico não prescindimos o gentílico e a toponímia, característicos da história local por trazerem a essência das pessoas e das geografias urbana e rural. Lugares que tenham tido suas fusões e criações em pouco tempo a noção autóctone é tenra, definindo aqui como autóctone aquele nativo do lugar, o que nasce no local vivendo e convivendo.

Quanto aos topônimos, nomes de logradouros, prédios públicos, acidentes geográficos, flora e fauna são dados em momentos específicos – no caso de logradouros e prédios – ou em tempos imemoriais – neste, o que compõe a corografia local. Denominações não foram trazidas por discos voadores, razão maior aos pesquisadores buscarem suas gênesis.

Portanto, a história local pode ter a sua análise a partir do olhar historiográfico objetivo e sem bairrismo. É importante acrescentar o valor de registros memorialistas que utilizam da pena para registrar fatos lineares

¹⁷ Cf. SANTOS. Idem. Idem.

¹⁸ Cf. SANTOS. Idem. P. 252.

com os quais eles se defrontaram, cabendo ao historiador esmerar os registros longe de panfletarismos para elaborar a historiografia local.

PSD x UDN em escalas: convergências e rivalidades

Duas literaturas que servem de bússolas da ciência política brasileira para a noção aprofundada sobre as formações do Partido Social Democrático (PSD) e da União Democrática Nacional (UDN) são os trabalhos de Maria Victória de Mesquita Benevides, *A UDN e o udenismo*, e de Lucia Hippolito, *De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-1964)*. Ambos partidos protagonizaram os antagonismos específicos na política brasileira durante os anos 40 e 60 do século passado.

Afunilando à escala estadual, o momento político-partidário que envolveu PSD e UDN na Bahia do segundo lustro de 1940 expôs como as agremiações se movimentaram a partir dos seus *players* maiores, observando outrossim as ações das lideranças regionais de ambos os partidos em Santo Antônio de Jesus que eram, eventualmente, ora aliadas, ora adversárias.

O âmbito político-eleitoral na Bahia, entre 1945 e 1947, foi caracterizado pela dicotomia apaziguadora protagonizada pelo PSD e pela UDN, endossada pelos 430.623 eleitores que votaram, no dia 02 de dezembro de 1945, para senadores federais o professor Aloísio de Carvalho Filho (UDN) e o general Renato Onofre Pinto Aleixo (PSD): o primeiro, representante da intelectualidade baiana, enquanto o segundo, militar, guardava como referência política sua interventoria na Bahia (1942-1945)¹⁹.

Marcadas para 19 de janeiro de 1947 – assim como nos outros Estados e conforme o artigo 11 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias que deram início a um período de redemocratização –, as eleições para governador da Bahia deram a vitória a Otávio Mangabeira (1947-1951), ex-exilado pela ditadura varguista, tradicional liderança baiana e então presidente nacional da UDN, que obteve o apoio do PSD, sua agremiação adversária, após uma jogada política, fora de casuísmos, feita por lideranças *pessedistas*. Além daquele, formaram a coligação pró-Mangabeira PR, PCB e PRP²⁰.

¹⁹ Cf. TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 10ª ed. EDUFBA, Salvador-Ba; Editora da UNESP, São Paulo-SP. 2001. P. 443; DANTAS NETO, Paulo Fábio. “Emergência do juracisismo e restauração autonomista”. In: *Tradição, autocracia e carisma: a política de Antônio Carlos Magalhães na modernização da Bahia. (1954-1974)*. Editora UFMG, Belo Horizonte-MG; IUPERJ< Rio de Janeiro-RJ. 2006. Pp. 73-79; SILVA, Paulo Santos. “Os ‘Autonomistas’ e a organização político-partidária”. In: *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. EDUFBA. Salvador-Ba. 2011. Pp. 51-66.

²⁰ A jogada política do PSD para definir o apoio a Otávio Mangabeira se deu pelos discursos públicos dados

A nível municipal, aquela “dicotomia apaziguadora” entre *players* estaduais *udenistas* e *pessedistas* não se reproduzia sobre solo santo-antoniense, onde forças loco-regionais disputavam o poder municipal, duas delas oriundas de famílias da política tradicional de Santo Antônio de Jesus e uma que, segundo a semântica recente, denominaríamos de *outsider* político. Vejamos, resumidamente, a prosopografia delas.

A primeira era Gorgônio de Almeida Araújo. De raízes familiares fincadas na região desde a primeira metade do século XIX e vinculadas à propriedade rural, escravocrata, comercial e com formação bacharelesca, Gorgônio, formado em medicina pela Universidade da Bahia, teve avôs, tios e pai ligados ao mando municipal entre o último quartel oitocentista até findar com ele, prefeito de Santo Antônio de Jesus (1938-1945) filiado ao PSD e *getulista*. Na eleição de 1947, foi eleito deputado estadual pela mesma agremiação para o período legislativo constitucional (1947-1951), ocupando no governo de Antônio Balbino (1955-1959) a Secretaria Estadual da Saúde²¹.

O segundo agente era Humberto Guedes de Araújo, pertencente a núcleo familiar de longevidade política, proprietários de escravos, latifundiários e bacharéis que se estendia entre os atuais e adjacentes municípios de Santo Antônio de Jesus, Conceição do Almeida e Maragogipe, no Recôncavo. Advogado diplomado pela Universidade da Bahia e filiado a UDN desde praticamente sua fundação estadual, Humberto teve avô, tio e irmão que ocuparam cargos no legislativo imperial e executivo municipal, respectivamente²². Ligado ao *juracismo* e ao deputado federal Manoel Novais (PR), Humberto Guedes foi eleito deputado estadual por quatro vezes, sendo duas vezes pelo PR (1955-1959/ 1963-1967) e outras duas pela ARENA (1967-1970/ 1974-1975)²³.

As divergências entre esses dois *players* provinham de tempos anteriores, conservados por questões intrínsecas e pelo poder local. A rivalidade saíra

pelo senador Pinto Aleixo e o deputado federal Tarcilo Vieira de Melo, duas “raposas” *pessedistas*, de que estavam dispostos a apoiar qualquer um dos candidatos da UDN, Otávio Mangabeira ou Juracy Magalhães, este ex-interventor da Bahia (1931-1935) e ex-governador constitucionalista (1935-1937) até o golpe do Estado Novo (10/11-1937). Ambos, antigos adversários – Otávio por representar o “autonomismo baiano” e Juracy por ter sido interventor indicado por Vargas, porém sendo um “estranho na Bahia”. Mangabeira venceu com 211.121 votos o candidato do PTB Antônio Garcia de Medeiros Neto, que obteve 92.629 votos. Sobre estas questões envolvendo a eleição para governador em 1947, vide TAVARES [pp. 453-456], DANTAS NETO [pp. 73-79] e Silva [pp. 51-66].

²¹ Cf. OLIVEIRA. Op. cit.; QUEIROZ. Op. cit.; VALADÃO, Hélio. *Santo Antônio de Jesus, sua gente e suas origens*. Exemplar gráfica e editora. Santo Antônio de Jesus-Ba. 2005.

²² Ildefonso José de Araújo (deputado provincial e senador estadual), Flávio Guedes de Araújo (deputado geral) e Ildefonso Guedes de Araújo (intendente e prefeito de Santo Antônio de Jesus).

²³ Cf. VALADÃO. Op. cit.

do campo político para adentrar na personalidade mais profunda e, porque não dizer, pitoresca, a ponto de Humberto Guedes de Araújo ir até o tabelionato exigir a retirada do sobrenome “Araújo” para impedir que pairasse quaisquer dúvidas de consanguinidade com seu arqui-inimigo, Gorgônio de Almeida Araújo²⁴.

Entre os dois, filhos da elite regional, surgiu Antônio Fraga, cognominado aqui de *outsider* por razão de seu liame com o mundo empresarial desde cedo, após substituir seu pai, Francisco Fraga, na gerência do armazém de fumo, e nenhum com a política. Veio somente entrar nela a convite do então prefeito de Santo Antônio de Jesus, Gorgônio, que o apoiou na candidatura à prefeitura de sua terra natal em 1946, auferindo a vitória. Eleito pelo PSD *gorgonista*, Antônio Fraga galgou certa popularidade realizando obras públicas de visibilidade, afastando-se de seu padrinho político e fundando o PR em Santo Antônio de Jesus²⁵. Quem se aproximou de Fraga com aquela desavença? Humberto Guedes, claro.

Mais que seu primeiro paraninfo, Gorgônio, e seu então aliado, Humberto, Antônio Fraga alargou sua capilaridade política nas classes sociais mais pobres tanto na sede do município santo-antoniense quanto no seu maior distrito, vila de Varzedo. Podemos dizer que ele captou o *timing* para se catapultar na política municipal a ponto de alavancar nela filhos e parentes a cargos no legislativo e no executivo municipais. O *fraguismo* se tornou forte corrente entre os corridos anos de 1947 e 1962²⁶.

Esses eram os cenários estadual e municipal encenados em escalas estadual e municipal. Mas em Varzedo, quem foram os *players* do período ligados àqueles polos político-partidários? E que conflito entre eles chegou ao ponto de envolver polícia e jurisprudência para ganhar o dito popular que gerou o metafórico título do opúsculo *Tempestade em copo d'agua...?*

²⁴ Cf. VALADÃO. Idem. Pp. 79-80.

²⁵ Cf. VALADÃO. Ibidem. Pp. 81-85.

²⁶ De fato, Antônio Magalhães Fraga foi prefeito de Santo Antônio de Jesus por duas vezes (1947-1951/1955-1959), deputado estadual (1951-1955), deputado federal (1959-1962), todos os cargos pelo PR e ligado ao deputado federal Manoel Novais, liderança solar desse partido. Durante aqueles anos, Fraga elegeu com seu arrimo político para prefeito Justiniano Rocha Galvão (1951-1955) e Antônio Olavo Galvão (1959-1962), para vereadores, em legislaturas simultâneas, seus dois filhos José Fraga e Haroldo Fraga e para deputado estadual Humberto Guedes (1955-1959). Todos filiados ao PR, capitaneado a nível estadual por Manoel Novais, deputado federal.

PSD x UDN em Varzedo: o livro do advogado e do juiz

Interessante que façamos um adendo sobre como momentos focados em uma tarefa educacional, a exemplo do que foi a Semana Cultural ocorrida durante três dias (27, 28 e 29 de setembro de 2001) no município de Varzedo, cuja proposta eram mostras de exposições, trabalhos docentes e discentes da educação básica (ensino infantil, fundamental e médio) das redes pública municipal organizados nos meses anteriores, revelou-nos documentos dos mais variados tipos guardados pelas famílias da localidade, a exemplo da brochura utilizada como base deste artigo.

Através de pesquisas realizadas em 2001 para a realização da Semana Cultural em Varzedo, obtivemos um pequeno livro relatando uma querela que envolveu lideranças da política local em 1946 e a mesma foi destrinchada em 1947 por Jorge Faria de Góis e Antônio José de Araújo, respectivamente juiz e advogado, na brochura denominada *Tempestade em copo d'agua...: a diligência do sargento delegado A. A. de Anastácio em Varzêdo*, editada pela tipografia Ceci, de Santo Antônio de Jesus (Bahia), a qual esmiúça todo o movimento.

Chamou-nos a atenção de imediato o olhar político-sociológico de ambos operários do direito, utilizando referenciais do código penal de aquele contexto, todavia clínicos nas análises da política e das ações humanas locais. Fazendo, claro, seus anteparos jurídicos, o juiz Jorge Faria e o advogado de defesa Antônio José abriram com suas escritas o leque de possibilidades para visões diversas aos que lançarem olhares, como foi nosso caso, acerca daquele fato.

Qual fato foi esse?

Grosso modo, a atuação de lideranças *udenistas* da vila de Varzedo por um delegado, cuja patente era a de sargento, após a denúncia de *pessedistas* contra uma daquelas lideranças que propalava a falta de manutenção da Praça do Comércio - hoje chamada Praça 08 de Dezembro e onde estava localizada a igreja - por parte do prefeito Gorgônio de Almeida Araújo (1938-1945), lembrando que nesse período Varzedo era distrito pertencente a Santo Antônio de Jesus e Gorgônio mantinha sua influência sobre líderes dali, conquanto não ser mais prefeito, substituído por Antônio Veiga Argôlo, cumpridor de mandato “tampão” (1945-1946).

Quem foram aqueles divergentes que protagonizaram aquele evento?

Em Varzedo, onde ruas não eram pavimentadas, iluminadas na época por imensos candeeiros e as casas eram coladas umas às outras por

parede-e-meia, a UDN e o PSD possuíam quadros rivais e entrelaçados em parentelas: os *udenistas* Albertino de Almeida Cabral e Manoel de Almeida Cabral que eram irmãos; outro *udenista*, Claudemiro Pereira de Almeida, que era parente e contraparente dos dois *pessedistas* envolvidos: Enéas Cardoso de Almeida e Deraldo Demósthene da Silva, cuja prima distante era esposa de Claudemiro; Albertino de Almeida Costa, *udenista* dono de secos e molhados e armazém de fumo, e o negociante José Franco do Amaral, ligado aos *udenistas*.

Todos eles detentores de propriedades dentro da vila, fazendas e sítios ao seu redor, havendo laços de parentesco entre alguns deles e antepassados de outros que já haviam participado da política local. Do lado da UDN, nenhum dos citados tinha ancestral político direto, porém José Franco do Amaral possuía vínculos com a família de José Augusto de Oliveira, que foi conselheiro municipal no quadriênio 1928-1931 quando Varzedo era chamado arraial de Vargem Grande²⁷.

Pelo PSD, porém, a dupla Enéas e Deraldo possuía ascendência política longeva, além de terem parentes em comum, pois o tio do primeiro, Marciano Pereira de Almeida, era casado com uma tia do segundo, Maria Eufrosina da Silva. O pai de Enéas Cardoso, Jovinião Pereira de Almeida, além de detém imóveis na localidade, foi eleito para o cargo de administrador distrital (1928-1931). Deraldo Demósthene teve seu pai, Francisco Felix da Silva, indicado como juiz de paz em 1907²⁸.

Essa polarização demarcou por muito tempo o campo das forças políticas naquele lugar, às quais utilizavam nas épocas eleitorais o peso de serem detentores de relações com as lideranças que mandavam na política santo-antoniense. É preciso trazer à discussão que o isolamento geográfico de Varzedo favorecia a concentração do mando local pelos representantes das famílias proprietárias que concentravam instrumentos econômicos que as colocavam em vantagem diante da maioria empobrecida. Era a época que esta última pedia bênção aqueles²⁹.

Além disso, devido na época as formas de deslocamento para a sede de Santo Antônio de Jesus e outros lugares fossem a cavalo ou via férrea³⁰, a

²⁷ Sobre história de Varzedo desde quando era o arraial de Vargem Grande, vide AMORIM. *Entre a Serra e a Vargem*.

²⁸ Fonte: escrituras de compra e venda de terras e correspondências emprestadas por Deraldo Da Silva Almeida em 2002.

²⁹ Em tempos passados, era comum pessoas de condição inferior pedir a bênção a pessoas mais velhas e, principalmente, às que detinham poder econômico na localidade. Até tempos recentes isso era corriqueiro.

³⁰ A linha férrea que passava por Varzedo era a Estrada de Ferro de Nazaré, *Tram-Road*, iniciada sua

presença médica para cuidar da saúde das pessoas na vila ocorria de “caju em caju”, a partir de chamamentos para casos urgentes.

Diante dessa carência, alternativas medicinais eram recorrentes desde quando Varzedo era arraial de Santo Antônio de Jesus, chamado Vargem Grande, conforme diz o memorialista Eduardo de Souza Almeida, em seu *Memórias de um pária* [2006], ao lembrar que teve que levar sua filha Maria Joselita, nascida em 1915 e acometida de “desnutrição perigosa”³¹, da sede municipal, onde ele e sua família moravam, para o arraial procurar o homeopata Antonio Pereira de Almeida, “seu conhecido e amigo” [idem], depois de levá-la a médicos.

A rara presença esculápia no local foi construindo uma forma de poder que migrou da ação médica para resultados políticos³². Alguns médicos que atendiam tanto na sede quanto na localidade ocuparam cargos públicos. O memorialista Hélio Valadão, em *Santo Antônio de Jesus, sua gente e suas origens* [2005], diz que em dada ocasião o médico Ildefonso Guedes de Araújo “saiu a cavalo, para atender um doente em Vargem Grande”³³, lembrando que ele foi intendente (1930-1935) e prefeito eleito (1935-1937).

Pouco tempo antes, Rosalvo Fonseca esteve à frente da intendência santo-antoniense (1925-1928/ 1929-1930), todavia seu trampolim profissional para chegar à chefia municipal foi o trabalho como médico pelo município atendendo, como lembra Valadão [2005], “em seu consultório, ou à domicílio”³⁴. Endossando isto com outras palavras, desta vez através do resgate de

construção em 1871 saindo de Nazaré indo até Jequié. A estação de Vargem Grande (Varzedo) foi inaugurada em 02 de fevereiro de 1892. Sobre a Estrada de Ferro de Nazaré e suas linhas férreas pela região do Recôncavo, ver OLIVEIRA, Alberto de Sá. *Pequena história da Estrada de Ferro de Nazaré*. Gráfica Central Ltda. Salvador-Ba. 1962; SANTOS, Sidney dos. *Linhas férreas, avanços e desenvolvimento: os impactos na cidade de Varzedo (1892-1960)*. Monografia (TCC) para conclusão do curso de licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V. Santo Antônio de Jesus-Ba. 2021.

³¹ Cf. ALMEIDA, Eduardo de Souza. *Memórias de um pária*. Adipro. Salvador, maio de 2006. P. 88.

³² Isso fica óbvio ao elencarmos a lista dos intendentes e prefeitos que governaram Santo Antônio de Jesus desde sua elevação à condição de município, com a república, em 1892. Trazendo os nomes e anos, entre 1892 e 2012, excetuando lacunas sazonais, chefiam o executivo municipal 10 médicos, sendo alguns filhos de famílias privilegiadas possuindo laços familiares e outros nascidos em outros lugares, diplomados pela antiga Universidade da Bahia, atual Universidade Federal da Bahia, e Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, sendo aquelas duas primeiras públicas e a última privada. Citemos, cronologicamente, os intendentes/prefeitos: Eduardo Augusto da Silva (1892-1893), Francisco Félix de Barros e Almeida (1897-1903/ 1912-1916), Gorgônio José de Araújo (1916-1920), Rosalvo de Almeida Fonseca (1925-1928/ 1929-1930), Ildefonso Guedes de Araújo (1930-1935/ 1935-1938); Gorgônio Almeida Araújo (1938-1945), Ursicino Pinto de Queiroz (1977-1982), Renato Maximiliano Gordilho Machado (1983-1988/ 1993-1996), Álvaro Veloso Bessa (1997-2000/ 2001-2004), Euvaldo de Almeida Rosa (2005-2008/ 2009-2012).

³³ Cf. VALADÃO. Op. cit. P. 72.

³⁴ Cf. VALADÃO. Idem. p. 64. Sobre trabalhos de memorialistas locais santo-antonienses, conferir ALMEIDA.

lembranças [BECKER, 2006] dificilmente achadas em documentos escritos [JOUTARD, 2000], concedidas pela oralidade de Iraildes Santos Silva em 2002 nos revelam, linhas gerais, “que na política de Santo Antônio de Jesus entrou doutor Rosalvo Fonseca”³⁵.

Vale lembrar, contrariamente, que nenhum dos *udenistas* e *pessedistas* detinha diploma universitário, revelando isso que a importância era dada menos aos estudos e mais à continuidade na chefia das propriedades familiares – imóveis, comércio e fazendas – herdadas pelos descendentes e, normalmente, ampliadas com herdeiros parentais ou com de outras famílias através de casamentos. Quando envolvia a política, contudo, laços parentais e de amizades poderiam ser abaladas porque “manter os pés entre duas canoas” não era estratégia praticada, e no livro *Tempestade em copo d'agua...* isso ficou evidente: cada um na sua canoa.

O opúsculo no qual o fato está narrado foi escrito pelo juiz criminal Jorge de Faria Góis³⁶ nos meses seguintes, estando pronto ao final de 1946. Obtivemos uma cópia do material em 2001 de um membro da família que tem um original presenteado ao pai do seu esposo³⁷ em 08 de maio de 1947 por ninguém menos que o próprio sargento delegado Antonio Alves de Anastácio. Lê-se que o presenteado foi Deraldo Demosthenes da Silva, liderança do PSD na vila de Varzedo e aliado do ex-prefeito de Santo Antônio de Jesus, Gorgônio de Almeida Araújo, por quem o sargento delegado tinha sido nomeado.

A dedicatória mostra certa aproximação entre o sargento delegado e aquele *pessedista*, onde em Varzedo era proprietário de terras e imóveis. Leiamos o que se pode interpretar como proximidade entre eles: “Ao amigo

Op. cit.; VALADÃO. Op. cit. Memorialistas como Eduardo Almeida e Hélio Valadão na história regional e local de Santo Antônio de Jesus reforçam a contribuição desses documentos que, não obstante seus olhares preferenciais, ajudam a decifrar momentos que, muitas vezes, ficam latentes.

³⁵ A importância da oralidade e memória como documentos históricos é endossada pela entrevista de Iraildes Santos Silva (1909-2005), concedida em 30 de março de 2002 em Varzedo. Sobre história oral ver BECKER, Jean-Jacques. “O *handicap* do *posteriori*”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. 8ª edição. Editora FGV. Rio de Janeiro. 2006. Pp. 27-31. P. 28; JOUTARD, Philippe. “Desafios à história oral do século XXI”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Editora Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC-Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 2000. Pp. 31-45. Pp. 33-34.

³⁶ Jorge de Faria Góis atuou no julgamento e escreveu *Tempestade em copo d'agua...* de forma parcial. Anos depois, em 1958, ele atuou como juiz da vara crime em Feira de Santana (Fonte: www.feiradesantana.ba.gov.br).

³⁷ O membro é Ana Lúcia dos Santos Almeida, esposa de Deraldo da Silva Almeida, filho de Deraldo Demosthenes da Silva. A ambos, meus agradecimentos.

Deraldo D. da Silva, com um forte abraço do amigo AntonioAlvesAnastacio [sic]. Em VIII-V-1947”.

O livro é dividido em duas partes, tendo a primeira o título EM DEFESA, assinado pelo advogado defensor de Antonio Alves e xará de prenome, Antonio José de Araújo. A parte a seguir, intitulada A SENTENÇA, é assinada pelo juiz Jorge de Faria, cujo veredicto foi favorável ao militar. Embasando suas provas em favor do sargento delegado pelo código civil penal e código do processo criminal da época, tanto o juiz quanto o advogado de defesa encorpam o libelo com questões políticas características da vila no período, mas envolvendo também a política santo-antoniense, marcada pela divergência – pura e passional – entre Gorgônio de Almeida Araújo e o advogado de defesa dos *udenistas* acusados, Humberto Guedes, polaridade passional que resultou em um racha³⁸.

Os relatos dispostos em cada parte das 59 páginas mostram um dos muitos núcleos territoriais do Brasil onde as disputas pelo poder entre UDN e PSD ocorreram de maneira peculiar, localista, todavia sem olvidar o *antigetulismo* e *pró-getulismo* que aquelas respectivas siglas defendiam a nível maior. Assim como os estudos de Maria Victoria Benevides e Lucia Hippolito, *Tempestade em copo dagua...* é a senha para acessar a perscrutação de como desencadeiam práticas políticas e seus impulsos.

Udenistas versus Pessedistas da vila de Varzedo: famílias e personalismo

O último quinquênio de 1940 iniciava o governo do presidente general Eurico Gaspar Dutra; na Bahia os governos de João Vicente Bulcão Viana (29/10/1945 a 01/02/1946), Guilherme Marback (01/02/1946 a 06/06/1946) e Cândido Caldas (06/06/1946 a 10/04/1947), todos do PSD; em Santo Antônio de Jesus terminava o governo municipal de Antônio Veiga Argolo e começava o de Antônio Fraga, ligado a Gorgônio de Almeida Araújo e ao PSD até então, mas que após se desvinculou daquele e se desfilou deste fundando o PR (Partido Republicano) municipal, com Humberto Guedes se juntando e mantendo, a nível local, a aliança do seu partido com a UDN de Juracy Magalhães³⁹.

³⁸ Antônio Magalhães Fraga, conforme dissemos linhas atrás, até 1945 aliado de Gorgônio de Almeida Araújo, brigou com este e se juntou a Humberto Guedes para fundar o PR (Partido Republicano) em Santo Antônio de Jesus, partido cujo maior representante na Bahia foi o deputado federal Manoel Novais. Aquele racha entre aquelas forças políticas teve suas sequelas políticas no decorrer dos anos posteriores, resultando em dois grupos apelidados de Jacu e Beija-flor. Cf. VALADÃO. Op. cit. 153 p.

³⁹ Cf. DANTAS NETO. Op. cit.

Varzedo, lugar diminuto contando com cerca de 422 habitantes⁴⁰, com muitos acontecimentos envolvidos pelos baforejos político-politiqueiros permutados entre dois grupos mais que adversários, inimigos pessoais mesmo, em que o núcleo familiar (UDN) tratava de se impor perante células personalistas (PSD). Da vila, ambos estavam ligados a duas forças políticas mais ou menos três léguas⁴¹ dali, naquela década de 1940: a representada pelos Guedes de Araújo (UDN/PR) e a por Gorgônio de Almeida Araújo (PSD).

Elas vinham de linhagens políticas originários da época monárquica: os Guedes de Araújo tiveram como ancestral Ildefonso José de Araújo, membro-fundador do Partido Nacional (PN) na Bahia⁴², deputado provincial e senador estadual (1878-1885 e 1893-1894, ordenadamente)⁴³, representando os municípios de Tapera, Maragogipe e Afonso Pena⁴⁴; Gorgônio teve como antepassados políticos os chefes do Partido Liberal e Partido Conservador de Santo Antônio de Jesus: Manoel José da Paixão Araújo e Félix Gaspar de Araújo e Almeida.

Essas rivalidades, apesar de pessoais e familiares, influenciaram respingos em núcleos familiares de Varzedo no início do século XX, quando ainda era arraial chamado Vargem Grande, de maneira que as famílias Oliveira e Jesus eram coadunadas, de um lado, por sociedades comerciais, casamentos e representações político-sociais (juiz de paz, por exemplo), enquanto as famílias Silva e Almeida tinham proximidades parentais⁴⁵.

Ocupando o cargo de conselheiro municipal (vereador) por Vargem Grande na câmara de Santo Antônio de Jesus entre 1928 e 1931, o negociante “coronel” José Augusto de Oliveira – que assinava seu sobrenome com o apóstrofo: d’Oliveira – era concunhado de Manoel Francisco de Jesus, vereador por Varzedo em Santo Antônio de Jesus entre as décadas de 1940 e 1950. Francisco Félix da Silva foi juiz de paz em Vargem Grande em 1907, enquanto Jovinião

⁴⁰ Dados de 1950. Fonte: Revista A BAHIA DE HOJE, v. 1, 3ª ed. 146 p.

⁴¹ Usando essa medida que era muito comum na época. Distância de aproximadamente 18 km entre Varzedo e Santo Antônio de Jesus.

⁴² SAMPAIO, Consuelo Novais. *Os partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação*. Editora da Universidade do Estado da Bahia. Salvador-Ba. 1998. 258 p. Pp. 61-62.

⁴³ Fonte: cpdoc.fgv.br

⁴⁴ Tapera, atual Santa Terezinha, e Afonso Pena, atual Conceição do Almeida.

⁴⁵ As pesquisas que trazem estas informações foram realizadas no antigo Cartório Cível e de Funções Notariais de Varzedo e de arquivos familiares, bem como contadas por contemporâneos da época. Do lado dos Oliveira e Jesus, eram concunhados José Augusto de Oliveira e Manoel Francisco de Jesus, próximos dos udenistas. Já do lado dos Silva e Almeida, Deraldo Demósthene da Silva e Enéas Cardoso de Almeida tinham primos e tios em comum.

Pereira de Almeida foi administrador distrital do arraial de 1928 a 1931. A irmã de Francisco Félix e o irmão de Joviniano eram casados⁴⁶.

Essas parentelas desembocaram nos *udenistas* e *pessedistas* de 1946, mesmo que entre aqueles primeiros o grande parentesco fosse menor, diferentemente dos do PSD, ocorrendo ironicamente o liame matrimonial de um *udenista* com a prima de um *pessedista*⁴⁷. Ou seja, o acirramento acima de quaisquer coisas era provocado pela politicagem, passionalidade individual e interesse mandonista local. Acima da proximidade consanguínea a passionalidade política extrapolava os limites.

Diante desse contexto, a divergência entre partidários da UDN e do PSD da então vila de Varzedo chegou ao clímax. Em 29 de maio de 1946, coincidentemente data da emancipação de Santo Antônio de Jesus⁴⁸, o sargento delegado Anastácio foi ao local com outros dois praças e lá, “prevalecendo-se do cargo”, fez a intimação dos “cidadãos Albertino Costa, Claudemiro de Almeida, Albertino Cabral, Manoel Cabral e José Franco do Amaral”⁴⁹.

A ação do sargento delegado foi delatada como “abuso de poder” pela defesa daqueles senhores, representada pelo advogado Humberto Guedes, embora na apuração do advogado do senhor Anastácio, Antonio José de Araújo, a ida do seu cliente à vila tenha tido o objetivo de evitar “represalias [sic] que fatalmente se dariam”⁵⁰ pelos “amigos do Prefeito”⁵¹ contra os adversários *udenistas*, os quais faziam “exaltadas manifestações políticas”⁵² ao prefeito Gorgônio, descontentando seus aliados, expondo passionalidade individual e política em estado puro de ambas as partes.

O que os aliados de Gorgônio fizeram? Levaram aos ouvidos do ex-chefe do executivo local aquelas notícias mais a de que “um deles, Albertino Costa”,

⁴⁶ Arquivo particular de Deraldo da Silva Almeida: escrituras de terras e imóveis. Sobre o termo “coronel” dado a José Augusto de Oliveira, ele carregava esse título não como patente militar ou por concessão nobiliárquica, mas pela liderança política e poder econômico exercidos por ele na localidade. Era comum, como em outras partes do Brasil, popularizarem o termo “coronel” ao homem com mando local e capital econômico (terras, comércio). Ainda alcançamos na Varzedo município, pós-1989, algumas pessoas apelidarem de “coronel” um fazendeiro, hoje falecido, que morava na cidade e pertencente a uma família tradicional. Embora isso fosse carregado de traços pilhéricos e leves, a visão psicossocial conservava aquela tradição titular vinda do Brasil império.

⁴⁷ Refiro-me ao casal Claudemiro Pereira de Almeida e Miraltina da Silva Almeida. Ele, *udenista* e um dos intimados; ela, prima de uma liderança *pessedista* local, Deraldo Demosthenes da Silva, citado no episódio.

⁴⁸ Santo Antônio de Jesus foi emancipada em 29 de maio de 1880 pela Lei Provincial nº 3952.

⁴⁹ Cf. ARAÚJO, Antônio José de. *Tempestade em copo dagua....* Tipografia CECI. Santo Antônio de Jesus. 1947. P. 6.

⁵⁰ Cf. ARAÚJO. Op. cit. p. 12.

⁵¹ Cf. Idem. Idem. Idem.

⁵² Cf. Ibidem. Ibidem. Ibidem.

fazia críticas ao ex-governante porque ele “não cuidava da localidade (...) e nem de limpar os terrenos da praça onde se situa a (...) capela”⁵³.

Tanto isto é veraz que a defesa adjetivou os seguidores do PSD da vila como “cordatos, pacíficos [sic] e morigerados”⁵⁴, porém prontos para lutarem “sempre que a nação precisa de seu sangue e do seu sacrifício [sic]”⁵⁵. A ideia explícita é a da bipolaridade substanciada pelo maniqueísmo, pois enquanto os *pessedistas* eram heroificados, os *udenistas* eram “chicanadores e cheios de sensaborias”⁵⁶, i. e., vilanizados. Em disputa, estavam os conflitos pessoais e de grupo na esteira pela liderança da vila.

Como resultado das tais chicanas ao prefeito Gorgônio o delegado Antônio Anastácio afastou o então subdelegado Silvino José dos Santos e o substituiu pelo “Snr. Deraldo Demosthenes da Silva, 1º suplente de sub-delegado [sic]”⁵⁷, intimando “os Snrs. Albertino de Almeida Costa, Claudemiro Pereira de Almeida, Albertino de Almeida Cabral, Manoel de Almeida Cabral e José Franco Amaral, cidadãos que seguem na localidade, [sic] politicamente o partido União Democrática Nacional”⁵⁸.

A questão da presença da rivalidade política local entre aqueles senhores e o primeiro suplente de subdelegado é reproduzida, primeiramente, ao ler deles que o delegado Anastácio impôs por palavras que “Deraldo havia assumido o cargo, e que eles precisavam respeitar esta autoridade” ou a consequência de recalcitrâncias era que “o novo sub-delegado poderia passar até eles a preso”⁵⁹, sendo relatado pelas testemunhas de acusação “c) que não havendo motivo para a diligência” a não ser a “procedida com intuítos premeditadamente políticos [sic]”⁶⁰.

Em segundo lugar, quanto a questão da bipolaridade local acirrada, a versão do então prefeito de Santo Antônio de Jesus confirmou a inclinação político-partidária da atuação do sargento delegado que atendeu, “entre outros moradores de Varzêdo”, as queixas “da atuação do ex-sub-delegado local”

⁵³ Cf. Ib. Ib. Ib.

⁵⁴ Cf. Ib. Ib. Ib.

⁵⁵ Cf. Ib. Ib. Ib.

⁵⁶ Cf. Ib. Ib. Ib.

⁵⁷ Cf. Ib. p. 40.

⁵⁸ Cf. Ib. Idem

⁵⁹ *Apud* a depoimentos de fls. 27 e de fls. 31 das testemunhas presenciais. In: Ib. Ibidem.

⁶⁰ Cf. Ib. P. 42.

feitas pelos “Snrs. Enéas Cardoso e Deraldo Silva, correligionários seus”⁶¹. Resultado? Os que se sentiram humilhados pela ação do delegado “passaram procuração ao Bel. Guedes, a fim de que este movesse processo contra o delegado, [sic] por abuso de poder”⁶².

Havia, não se sabe o motivo, inimizade entre Albertino de Almeida Cabral e Deraldo Demóstenes da Silva, levando aquele senhor a delatar que uma das razões da intimação “na presença do Snr. Deraldo Silva”⁶³ era a de levá-lo ao escárnio, à humilhação ante o subdelegado empossado, embora as testemunhas acusatórias tivessem dito sobre o desconhecimento do “Sarg. Anastácio dessa inimizade”⁶⁴ entre Albertino e Deraldo. Em suma, esses quadros e seus próceres almejavam a dominação da ordem na vila tanto pela política quanto pela força policial.

“Veredicto” sobre a política local

Fora do estereótipo *dizível* sobre políticas nordestinas⁶⁵, o veredicto do julgamento sobre a diligência do sargento delegado Antônio Alves de Anastácio ocorrida em 29 de maio de 1946, uma quarta-feira outonal, foi, de acordo à sentença do então juiz Jorge de Faria Góis, “pela improcedência da denúncia a absolvição do denunciado”⁶⁶, favorecendo o militar. Podemos trazer aqui alguns dos nossos “veredictos” à luz da história, antropologia e da ciência política.

Independente de questões jurídicas e libelos encorpados, a situação vista na vila de Varzedo foi o paroxismo da rivalidade político-pessoal embrionada entre famílias, a nível local, e personalismos, a nível municipal, que se distanciava de preocupação com a coisa pública. Ou seja, as brigas entre os seios familiares Cabral x Silva, envolvendo seus afins, e as lideranças santantonienses Gorgônio de Almeida Araújo (PSD) e Humberto Guedes (UDN/PR)⁶⁷

⁶¹ Cf. Ib. P. 47.

⁶² Cf. Ib. P. 50.

⁶³ Cf. Ib. P. 53.

⁶⁴ Cf. Ib. P. 54.

⁶⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR. Op. cit.

⁶⁶ Cf. ARAÚJO e FRÓIS. Op. cit. P. 58.

⁶⁷ Gorgônio foi prefeito de Santo Antônio de Jesus – abreviado nas redes sociais e propagandas de SAJ – (1938-1946, a partir de 1945 no PSD), deputado estadual (1947-1950, PSD) e secretário de Saúde do governador da Bahia Antônio Balbino (1955-1958), filiado ao PSD. Humberto Guedes foi deputado estadual (1955-1958, PR/ 1963-1967, PR/ARENA/ 1967-1970, ARENA/ 1974-1975, ARENA). Fonte: www.alba.ba.gov.br

tiveram como dinâmica o “englobamento” familiar sobre a coisa pública⁶⁸ e o domínio da ordem local.

Além do ponto familiar, o pensamento que também impulsionou as ações de todos os envolvidos foi o de legitimar a autoridade estatal⁶⁹, mesmo no período pós-era Vargas (1930-1945) e primeiros passos da redemocratização (1945-1964), pois o que vigorava em boa parcela da mentalidade cotidiana era o princípio tutelar caracterizado pelos resultados que, no fim das contas, conservaram poderes das lideranças da vila e do município⁷⁰.

Por conseguinte, o amoldamento das pessoas pelas instituições⁷¹ é o “veredicto real” de todo aquele imbróglio na vila espiralado pelas “chicanas” ao desleixo público quanto a limpeza da praça principal, atingindo as forças mandonistas adversárias. Até por razão de aquele amoldamento ser conduzido pela tutela bacharelesca, de relevante presença em Santo Antônio de Jesus desde os primeiros intendentess e prefeitos graduados em medicina⁷².

A política dicotômica em Varzedo permaneceu consolidada naquele fim do decênio de 1940 com as eleições, em 1946, de Enéas Cardoso de Almeida (PSD) e Albertino de Almeida Cabral (UDN), adversários na vila que tiveram protagonismo na contenda iniciada em 29 de maio daquele mesmo ano com a diligência militar. O embrião daquela bipolaridade na escala micro estava gestado na escala macro, com a diferença de em Varzedo as ações terem sido peculiares.

Entre os antinômicos grupos santo-antonienses chefiados por Gorgônio de Almeida Araújo e os Guedes de Araújo surgiu, em 1946, uma terceira força alavancada por Antônio Magalhães Fraga, eleito prefeito pela chapa PR/PSD apoiada pelo ex-prefeito Gorgônio, porém que logo depois se desfez com a proximidade de Fraga e Humberto Guedes, cuja retirada do sobrenome “Araújo” foi registrada em cartório por Humberto com o fim de evitar supostas consanguinidades com Gorgônio de Almeida Araújo.

⁶⁸ DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher a morte no Brasil*. 5ª ed. Editora Rocco. Rio de Janeiro. 1997. 164 p.

⁶⁹ LAMOUNIER, Bolívar. “Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República. Uma interpretação”. In: CARDOSO, Fernando Henrique et ali. *O Brasil republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)*. Vol. 1, tomo III. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 1997. Pp. 343-373.

⁷⁰ A exemplo dos casos de Gorgônio de Almeida Araújo (prefeito, deputado estadual e secretário de Saúde da Bahia, respectivamente) e Humberto Guedes (deputado estadual entre as décadas de 1950 e 1970).

⁷¹ SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*. Edição revista e ampliada. Estação Brasil. Rio de Janeiro. 2019. 272 p.

⁷² Entre 1892 e 2012, Santo Antônio de Jesus teve 10 intendentess e prefeitos formados em medicina, como dissemos linhas atrás.

A nível estadual, as bandeiras *balbinistas* e *juracistas* eram as empunhadas por aqueles agrupamentos loco-municipais. Humberto Guedes, influente em Varzedo e regiões adjacentes como Santana do Rio da Dona – localidade pertencente ao município de Conceição do Almeida –, era ligado a Manoel Novais, deputado federal (PR), e a Juracy Magalhães (UDN). Já Gorgônio de Almeida Araújo tinha vínculos com Antônio Balbino (PSD), sendo eleito deputado estadual na sua coligação em 1946 e gerindo a pasta da secretaria estadual da Saúde na gestão Balbino (1955-1958) no governo da Bahia⁷³.

A análise sobre essa espiral político-partidária mostra como a história política não vive fora do tempo⁷⁴ e pode ter seu estilo investigado a partir da atuação dos seus personagens em quaisquer lugares que adaptam a política à sua realidade. Os olhares dos autores do opúsculo *Tempestade em copo d'agua...*, cada um com seu estilo próprio, realçam ações dos protagonistas da querela desfechada em 1946 que permanecem cíclicas na localidade, exemplificando rivalidades em épocas eleitorais, brigas físicas, interesses partidários, desuniões entre eleitores⁷⁵.

Outra questão importante trazida à baila diz respeito ao municipalismo disseminado pelo PSD e pela UDN, em geral caracterizado naquela altura por seus *players* unidos no escrutínio de 1946 em torno da candidatura de Otávio Mangabeira ao governo baiano (1947-1951)⁷⁶, arregimentando mandonistas e oligarquias locais adversárias e de diferentes regiões. As rivalidades intra-partidárias do PSD, capitaneadas pelos ex-interventores Guilherme Marback e general Renato Onofre Pinto Aleixo, resultaram em acordos de cavalheiros para “atender e acomodar” ao contexto da época.

Esse municipalismo embrionado na década de 1930 na Bahia foi a adequação cômoda às forças oligárquicas e coronelistas iniciada na figura do então interventor indicado por Vargas, Juracy Magalhães (1931-1938), que conseguiu a proeza de unir contra si lideranças políticas tradicionalmente adversárias

⁷³ Daí as terminologias *balbinismo*, de Antônio Balbino, e *juracismo*, de Juracy Magalhães. Para maior aprofundamento delas, ver DANTAS NETO. Op. cit. pp. 82-92 e pp. 153-162.

⁷⁴ RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Tradução Dora Rocha. FGV editora. Rio de Janeiro. 2003. 472 p.

⁷⁵ De fato, quanto a questão política, brigas, conchavos, ações de eleitores, desavenças familiares e proelitismos ainda ocorreram na Varzedo pós-emancipação e início do século XXI. Citando alguns: parentes ficando “de mal” por defenderem a ferro e fogo seus candidatos à chefia municipal, candidatos a vereadores de um lado servindo de “leva-e-traz” para o grupo opositor e se aliando a este após a vitória, eleitores tentando mostrar “força política” ao colocarem, defronte à suas casas, em mastros altos as bandeiras com as cores dos seus candidatos a prefeito, disputando quem tinha o mastro maior. Semelhanças com outros lugares do Brasil não serão mera coincidência.

⁷⁶ TAVARES. Op. cit. pp. 453-457.

como os Mangabeira, Calmon e Simões Filho, conforme o próprio Juracy⁷⁷. Organizou o PSD baiano em janeiro de 1933 com a ajuda do “engenheiro do municipalismo da Bahia”, Manoel Novais, que em suas memórias Juracy diz que “manipulava com grande sabedoria”⁷⁸.

Manoel Novais – cuja grafia pode vir em alguns trabalhos escrita “Novaes” –, cuja força política em parte do interior baiano, elegeu a si e a sua esposa, Neco Novais, para a câmara dos deputados em 1962⁷⁹, galgando essa ampla base desde os anos 1930 até praticamente seu falecimento em 1992, ou seja, atravessou mais da metade do século XX. E ele alargou seu domínio contundentemente na região do Além São Francisco, porém tinha uma célula política de tradição em terras do Recôncavo: Humberto Guedes.

O Guedismo: da tempestade... ao familismo político (um adendo necessário)

Explicamos de imediato que a acepção deste título derivada da família Guedes define a presença política, social e econômica dela no Recôncavo sul desde o século XIX até a corroboração das duas lideranças políticas no século XX na chefia do executivo municipal e na assembleia legislativa, representadas, respectivamente, por Ildefonso Guedes de Araújo e Humberto Guedes de Araújo: aquele interventor de Santo Antônio de Jesus de 1931 a 1938 e o segundo deputado estadual entre as décadas de 1950 e 1970.

Ambos tiveram avô e tio paternos ocupando cadeiras nos legislativos provincial, imperial e, posteriormente, republicano, representando locais como Santo Antônio de Jesus, Santa Terezinha, Conceição do Almeida e Amargosa. As propriedades rurais, verdadeiros latifúndios, espalhavam-se em extensões passando pela serra do Guariru⁸⁰, cobrindo vales, tabuleiros e outeiros férteis daqueles lugares, tendo plantéis de escravos no período

⁷⁷ MAGALHÃES, Juracy. *Minhas memórias provisórias*. Depoimento prestado ao CPDOC/ Coordenação de Alzira Alves de Abreu et alí. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1982. 335 p.

⁷⁸ Cf. MAGALHÃES. Op. cit. Pp. 78-79.

⁷⁹ Cf. LIMA, Thiago Machado de. *O fim do jogo democrático: o golpe de 1964 e o Poder Legislativo da Bahia*. 7Letras. Rio de Janeiro. 2021. 273 p. P. 31.

⁸⁰ Conjunto de montanhas e montes que corta parte dos municípios baianos de Varzedo, Elísio Medrado, São Miguel das Matas e Santa Terezinha.

pré-abolição⁸¹. Realça-se que se refere aos Guedes de Araújo vasta literatura memorialista regional⁸², assim como historiográfica⁸³.

Seguindo a influência familiar bacharelesca, Ildefonso Guedes de Araújo e Humberto Guedes foram graduados, respectivamente, em medicina e direito pela Universidade da Bahia, caminhando depois à vereda política, outro influxo da sua linhagem. Como a atenção aqui é para Humberto Guedes, além de seu papel na defesa dos *udenistas* da vila, questões fundiárias e criminalísticas movimentaram a sua banca, *Humberto Guedes Advogados*, instalada em Santo Antônio de Jesus.

É certo dizer que sua contratação pelos denunciantes na representação contra o sargento delegado Anastácio tenha sido por duas razões: a) de inclinação política pela ligação partidária (UDN), naquele momento pela influência do *guedismo* na região, e b) devido a desavenças entre o advogado/político e o médico/prefeito Gorgônio de Almeida. O emaranhado dos libelos jurídicos lavrados pela defesa e acusação era o cenário viável que guardava o pano de fundo daquela cisão antagônica que era fora do campo partidário, mas mais pessoal.

O enraizamento do domínio *guedista* em Varzedo, contudo, pode remeter à interventoria de Ildefonso Guedes de Araújo em Santo Antônio de Jesus (1931-1935), nomeado pela então interventor da Bahia, Juracy Magalhães⁸⁴, e depois prefeito eleito (1935-1938). Na época, Varzedo não era vila, denominada Vargem Grande, onde o médico Ildefonso atendeu pacientes antes de sua entrada na política como interventor em Santo Antônio de Jesus em 1931. Além de suas práticas esculápias, há um registro imagético importante.

Uma fotografia, conseguida de uma família moradora de Varzedo⁸⁵, registrou uma concentração de pessoas do arraial de Vargem Grande, na então Praça do Mercado⁸⁶, ao redor de um veículo aberto modelo Jeep, onde estão, em plano mais alto, três homens trajando ternos e olhando à máquina

⁸¹ Cf. ASSIS, Viviane Andrade de. “*Aqui é tudo uma rama de maxixe*”: experiências de trabalhadores rendeiros da Fazenda engenho Sururu, Varzedo, Ba (1970-2000). Dissertação de Mestrado em História. UEFS, Feira de Santana-Ba. 2013. 159 p. (<http://www.pgh.uefs.br/arquivos/File/DissertacaoVivianeAssis.pdf>).

⁸² Ver ALMEIDA. Op. cit.; ALVES. Op. cit.; VALADÃO. Op. cit.

⁸³ AMORIM. *Entre a Serra e a Vargem*; ASSIS, Viviane. Op. Cit.; LIMA. Op. cit.

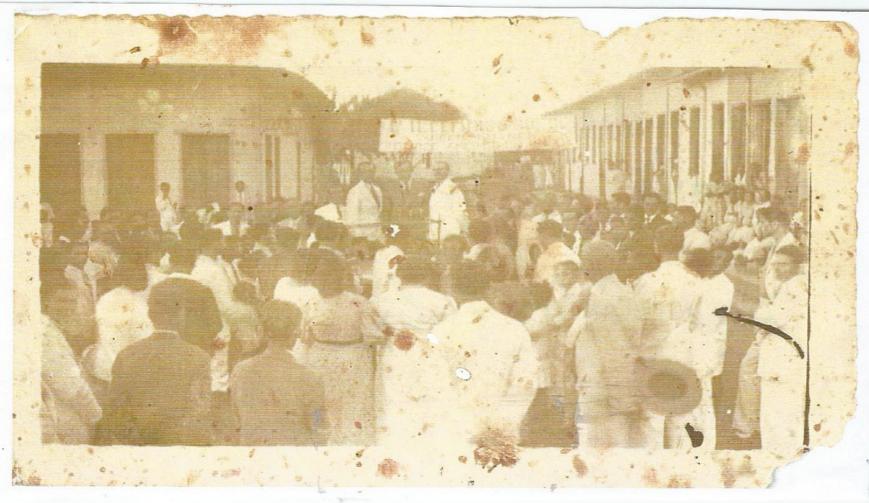
⁸⁴ Que foi hábil em criar alianças com as forças políticas mandonistas do interior da Bahia e, posteriormente, da capital soteropolitana.

⁸⁵ Agradecimentos a Ana Lúcia dos Santos Almeida e Deraldo da Silva Almeida pelo empréstimo do documento em 2003.

⁸⁶ Atual Praça 08 de Dezembro.

fotográfica. Necessita ser comprobatório, mas leva a crer que à esquerda de quem vê está o prefeito Ildefonso Guedes de Araújo, à direita alguém não identificado e no meio José Américo de Almeida⁸⁷.

Acima deles está uma faixa amarrada da fachada de uma casa de parede-e-meia a outra entre perímetros separados pela rua que traz os dizeres, quase ilegível na fotocópia do clichê original: “DR. ILDEFONSO GUEDES... VARGEM GRANDE... DR. JOSE AMÉRICO [DE] ALMEIDA”. Deduções com base na imagem vista diversas vezes que o tempo assegura de ir apagando, embora a solidez do material caminhe na contramão. Atentar-se para a foto é estar sensível ao que ela pode significar [SORLIN, 1994], sendo ela um vestígio do passado que pode nos ajudar [CARDOSO, 1997]⁸⁸.



(Registro fotográfico de concentração política em que possivelmente contou com a presença de José Américo de Almeida. Fonte: Ana Lúcia dos Santos Almeida e Deraldo da Silva Almeida)

⁸⁷ Ministro da Viação no governo Getúlio Vargas (1931-1937) e autor do romance *A bagaceira*.

⁸⁸ Fotografias e outros documentos imagéticos são ferramentas que nossos trabalhos utilizam. Sobre uso das imagens *vide* SORLIN, Pierre. “Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história”. In: *NOVOS ESTUDOS/CEBRAP*. Tradução Anne-Marie Nilon Oliveira. Vol. 7. Nº 13. Editora Brasileira de Ciências. São Paulo. 1994. Pp. 81-95. P. 91; CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. “História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Campus. Rio de Janeiro. 1997. Pp. 401-417. P. 401

Surgem perguntas:

Como não se viu data no verso da foto, teria José Américo de Almeida passado no arraial em que ano antes de 1938, quando até então ele foi ministro de Vargas? Estava ele como ministro de Vargas ou pré-candidato à presidência do Brasil?

Documentos palpáveis são as matérias-primas para o historiador reforçar suas teses, a exemplo das fotografias, cristalizadoras de momentos singulares que não voltam mais, como a que expomos acima. Embora a legibilidade da imagem não contemple totalmente nossa satisfação, ao debruçarmos os olhos cautelosamente várias vezes para deter nos detalhes, a comprovação do poder dos Guedes naquele período vai além de nomes de ministros presidenciais, não diminuindo isto.

Ademais, aludir a Ildefonso Guedes condiz à sua gestão municipal, interventoria a primeira (1931-1935) ou prefeito eleito a segunda (1935-1938), importando a nós aqui endossar o domínio dos Guedes na localidade e adjacências tanto política quanto socialmente, refletido na representação do advogado Humberto Guedes na ação acusatória ao sargento Anastácio, mesmo o operário do direito não obtendo vitória de Pirro após o episódico sururu.

De um copo d'agua... à tempestade multiversa: conclusões

Após trazermos à luz as questões que levaram os partidos PSD e UDN aos ajuntamentos na política baiana com o fim do Estado Novo (1937-1945), as divergências capitaneadas pelos sentimentos pessoais entre *udenistas* e *pessedistas* santo-antonienses e as rivalidades envolvendo a UDN e o PSD da vila de Varzedo, concluímos a relevância da história regional e local ao pesquisar acontecimentos que, não obstante ocorridos em um laivo de tempo como em 29 de maio de 1946, regurgitam em um dia conflitos humanos com consequências.

O trabalho escrito pelo juiz Jorge Faria de Góis e o advogado Antônio José de Araújo em 1946, *Tempestade em copo d'agua... a diligência do sargento delegado A. A. de Anastácio em Varzedo*, sobre delação que apontava “abuso de poder” por parte de ocupante de cargo militar feita por parcela da elite socioeconômica local responde a nós, historiadores, como pérolas documentais como a citada podem ser analisadas e publicadas nas localidades pequenas, médias e grandes.

Lembramos do quanto a temática aqui destrinchada, que por décadas estava guardado aos cuidados dos descendentes de um dos envolvidos na querela jurídico-política, não nos foi mais esclarecida por contemporâneos do acontecimento.

Em 2002, logo após realizar leitura minuciosa da brochura, deu-se continuidade a uma sequência de entrevistas para compor o amparo documental variado o qual complementaria trabalhos científicos posteriores⁸⁹, e quando se fazia referência ao *Tempestade em copo d'agua* a uma testemunha da época ela se esquivava do assunto tratando feito anátema, como querendo cuspir e repelir com o dizer: “Não, misericórdia! Quero falar disso não!”⁹⁰

Longe de querermos cometer excídio à memória dos protagonistas do litígio de 1946, conhecemos parte da idiossincrasia de um local quando para algumas pessoas determinados assuntos merecem ficar no passado para não serem remoídos, ressuscitados, tanto em razão de respeito aos mortos como em razão de aqueles comporem a elite de negociantes, fazendeiros, homens e políticos e de famílias tradicionais, além de alguns terem vínculos de compadrio, considerações, testemunhas matrimoniais, favores e de trabalho.

O evento resultante do curto-circuito entre os fios desencapados dos grupos *pessedista* e *udenista* de Varzedo era pedra cantada no dominó político iniciado do distrito até a sede santo-antoniense. As colisões político-pessoais do grupo de Albertino Costa (UDN) com o de Deraldo Demósthene da Silva (PSD) eram espelhos, aos moldes locais, das desavenças entre Humberto Guedes (UDN) e Gorgônio de Almeida Araújo (PSD). Era o “copo d’água” da política local provocando uma “tempestade”, com lei e poder manietando o cotidiano de uma elite local e contribuindo à sua acomodação.

Apesar de a UDN e o PR ascenderem à prefeitura com a eleição de seu candidato, Antônio Fraga, que passou dar as cartas (1947-1962), doze anos após a querela de 1946 parte da população elegeu como seu representante para uma das cadeiras do legislativo santo-antoniense um novo *player*, o qual era despossuído de tradição política, mas apadrinhado pelos líderes *pessedistas* Enéas Cardoso e Deraldo Demósthene, mantendo a base política de ambos a partir de um continuísmo improvável.

⁸⁹ Cf. AMORIM. *Entre a Serra e a Vargem*; AMORIM. “*Imaginação que deu certo*”. (https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/474/1/20212_ulfl064954_tm.pdf).

⁹⁰ De fato, ao perguntar sobre o fato a Iraildes Santos Silva, que em 2002 tinha 93 anos de idade, ela não quis falar sobre. Parece ter ocorrido ou colocado um bloqueio.

Que “continuísmo improvável”, denominado de “singularidades cama-leônicas”, foi esse? Tem nome, sobrenome e apelido: Manoel José de Souza, Nonô, surgido do PSD local no final dos anos 1950⁹¹.

Frisamos Nonô ter sido o “continuísmo improvável” por ele provir de família sem tradição política, até onde se investigou, de pais humildes e arrendeiros, preto, semialfabetizado, que iniciou sua independência financeira como mascate⁹², depois tendo ponto comercial e proprietário de imóveis urbanos e rurais.

Sua entrada na disputa ocorreu no momento crepuscular das lideranças *pessedistas* de Enéas Cardoso e Deraldo Demósthene. O primeiro estava praticamente fora da política para se dedicar aos seus negócios comerciais existentes na sede do município, enquanto o segundo tratava de manter sua liderança de biombo. Apadrinhado por esses dois quadros, Nonô alcançou sua eleição para vereador em 1958 obtendo 263 votos⁹³.

Isso significou a ascensão de alguém com o fenótipo da maioria dos habitantes da vila, preta e parda, crescido no trabalho comercial, proximidade com os mais pobres pela linguagem, gestos e contatos, agraciado pelo clientelismo edificado em um leque de práticas assistencialistas, médico sem diploma, conselheiro familiar, pilheriador, autoritário e popular, tudo isso em um só *player* que manteve liderança por mais de três décadas (1958-1992). Conservou-se, então, como um polo, tendo no outro rivais oriundos dos antigos *udenistas*, os senhores brancos⁹⁴.

A tarefa em estudá-lo motivou questionamentos e conjecturas acerca das suas ações político-pragmáticas, seus liames com quadros importantes da política baiana e sua capilaridade em parcela da população local, principalmente a mais pobre, semelhante a ele pela tez e traços, com sua mescla de mandonista popular, podendo contribuir para o revisionismo sobre poder

⁹¹ Manoel José de Souza (1920-1992) foi vereador por 30 anos (1959-1989) em Santo Antônio de Jesus e primeiro prefeito de Varzedo (1990-1992). Sua trajetória política é fonte de estudos do nosso doutorado em História Social (UFBA).

⁹² Seus contemporâneos lembram que Nonô caminhava pelas zonas rurais levando sua maleta e sua régua de alfaiate.

⁹³ Fonte: www.tre-ba.jus.br. Resultados de eleições anteriores.

⁹⁴ Essa acepção “senhores brancos” é algo a ser mais discutido em trabalhos futuros pelo fato de o racismo estar presente em Varzedo, assim como no Brasil. Nonô, sendo preto, de origem pobre e sem tradição política – três questões muitas vezes dissimuladas na localidade – ascendeu ao poder político a partir de seu lastro econômico e vínculos sociais. Mesmo assim, determinadas famílias ditas tradicionais – “senhores brancos” – tinham-no de soslaio. Por isso, produções acadêmicas nossas, tratando da sua trajetória, farão estas discussões.

local, ótica atenta às formas mais idiossincráticas do mandonismo local que reforça a necessidade de excluir o olhar daltônico e homogeneizador, atendendo às formas de poder loco-regional, algo diverso para um país multiverso como o Brasil.

Referências

Fontes

Escrituras de compra e venda de terras e imóveis. Arquivo Ana Lúcia dos Santos Almeida e Deraldo da Silva Almeida;

www.cpdoc.fgv.br;

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/varzedo/panorama><https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/varzedo/panorama>;

Monografias Municipais. Nordeste/ Bahia VARZEDO. IBGE. 2016/2017. 31 p.;

Revista A BAHIA DE HOJE, v. 1, 3ª ed. 146 p.;

www.feiradesantana.ba.gov.br;

www.tre-ba.jus.br

Bibliografias

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Editora Massangana, Recife. 2001. 340 p.

ALMEIDA, Eduardo de Souza. **Memórias de um pária**. Adipro. Salvador, maio de 2006.

ALVES, Isaías. **Matas do Sertão de Baixo**. Reper editora. 1967

AMORIM, Jorge (2021). **“Imaginação que deu certo”: mobilização emancipatória para a criação do município de Varzedo, Bahia – Brasil (1985-1989)**. Revista Politeia - História E Sociedade, 20(1), 257-276. <https://doi.org/10.22481/politeia.v20i1.8515>

_____. **“Imaginação que deu certo”: processo de emancipação de Varzedo: local, região, política e criação de um município na Bahia, Brasil (1985-1989)** Dissertação de mestrado em História Contemporânea.

Universidade de Lisboa, Portugal, 2009. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/474/1/20212_ulfl064954_tm.pdf

_____. **Entre a Serra e a Vargem: estudos sobre a história e as culturas de Varzedo nos séculos XIX e XX.** Exemplar gráfica e editora. Santo Antônio de Jesus-Ba. 2007. 328 p.

ANDRADE, Anailde Assis. **Dependência da população urbana de Varzedo-BA em relação ao comércio de Santo Antônio de Jesus-BA: uma análise geográfica.** Monografia de licenciatura plena em Geografia. Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Santo Antônio de Jesus-BA. 2007.

ARAÚJO, Antônio José de e GÓIS, Jorge de Faria. **Tempestade em copo dagua...A diligência do Sargento-delegado A. A. de Anastácio em Varzêdo.** Tipografia CECI. Santo Antônio de Jesus e da Bahia. 1947. 59 p.

ASSIS, Viviane Andrade de. **“Aqui é tudo uma rama de maxixe”: experiências de trabalhadores reideiros da Fazenda engenho Sururu, Varzedo, Ba (1970-2000)** Dissertação de Mestrado em História. UEFS, Feira de Santana-Ba. 2013. 159 p. <http://www.pgh.uefs.br/arquivos/File/DissertacaoVivianeAssis.pdf>.

BECKER, Jean-Jacques. “O handicap do a posteriori”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral.** 8ª edição. Editora FGV. Rio de Janeiro. 2006. Pp. 27-31.

CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. “História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Campus. Rio de Janeiro. 1997. Pp. 401-417.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher a morte no Brasil.** 5ª ed. Editora Rocco. Rio de Janeiro. 1997. 164 p.

DANTAS NETO, Paulo Fábio, **Tradição, autocracia e carisma: a política de Antônio Carlos Magalhães na modernização da Bahia. (1954-1974).** Editora UFMG, Belo Horizonte-MG; IUPERJ, Rio de Janeiro-RJ. 2006.

JESUS, Elmo Manuel de. **Emancipação municipal: uma estratégia para o desenvolvimento local? O caso de Varzedo.** Dissertação de mestrado em cultura, memória e desenvolvimento regional. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Santo Antônio de Jesus-Ba. 2008

JESUS, José Carlos Santos de. **Análise das transformações ocorridas na oferta de bens e serviços na cidade de Varzedo-BA após a emancipação do município.**

Monografia da licenciatura plena em Geografia. Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Santo Antônio de Jesus-BA. 2007.

JOUTARD, Philippe. “Desafios à história oral do século XXI”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Editora Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC-Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 2000. Pp. 31-45. Pp. 33-34.

LAMOUNIER, Bolívar. “Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República. Uma interpretação”. In: CARDOSO, Fernando Henrique et ali. **O Brasil republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)**. Vol. 1, tomo III. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 1997. Pp. 343-373.

LIMA, Thiago Machado de. **O fim do jogo democrático: o golpe de 1964 e o Poder Legislativo da Bahia**. 7Letras. Rio de Janeiro. 2021. 273 p. P. 31.

LOBO, Viriato da Silva. **Geographia do Município de Santo Antonio de Jesus**. I Edição. Typographia d' “O Commercio”. Santo Antonio de Jesus-BA. 1898. 20 p.

MAGALHÃES, Juracy. **Minhas memórias provisórias**. Depoimento prestado ao CPDOC/ Coordenação de Alzira Alves de Abreu *et ali*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1982. 335 p.

MATOS, Álvaro e RASGA, Raul (coord.). **Primeiras Jornadas de História Local e Regional** (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 2ª edição. Edições Colibri. Lisboa. 2004.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História regional e local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade**. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-Ba; Arcádia, Salvador-Ba. 124 p.

OLIVEIRA, Alberto de Sá. **Pequena história da Estrada de Ferro de Nazaré**. Gráfica Central Ltda. Salvador-Ba. 1962.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho de. **Recôncavo sul: terra, homens, poder e economia**. EDUNEB. Salvador-Ba. 2003. 148 p.

QUEIROZ, Fernando Pinto de. **A Capela do Padre Matheus**. Sagra. Feira de Santana. 1995. 409 p.

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2ª ed. Tradução Dora Rocha. FGV editora. Rio de Janeiro. 2003. 472 p.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **Os partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação**. Editora da Universidade do Estado da Bahia. Salvador-Ba. 1998. 258 p. Pp. 61-62.

SAMPAIO, Monsenhor Gilberto Vaz. **Emancipação de Varzedo-quatro anos de luta**. Exemplar gráfica e editora. Santo Antonio de Jesus-Ba. 2007. 332 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3ª ed. HUCITEC. São Paulo. 1999. 308 p.

SANTOS, Sidney dos. **Linhas férreas, avanços e desenvolvimento: os impactos na cidade de Varzedo (1892-1960)**. Monografia (TCC) para conclusão do curso de licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V. Santo Antônio de Jesus-Ba. 2021.

SILVA, Marcos Antônio da. **República em migalhas: história regional e local**. Marco Zero. São Paulo. Anpuh. 1990.

SILVA, Paulo Santos. **Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)**. EDUFBA. Salvador-Ba. 2011. Pp. 51-66.

SORLIN, Pierre. “Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história”. In: **NOVOS ESTUDOS/CEBRAP**. Tradução Anne-Marie Nilon Oliveira. Vol. 7. Nº 13. Editora Brasileira de Ciências. São Paulo. 1994. Pp. 81-95. P. 91.

SOUSA, Paulo Gislân Santos. **Políticas públicas de lazer em Varzedo-Ba**. Monografia de licenciatura em Educação Física. Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS. 2008.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro**. Edição revista e ampliada. Estação Brasil. Rio de Janeiro. 2019. 272 p.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 10ª ed. EDUFBA, Salvador-Ba; Editora da UNESP, São Paulo-SP. 2001. P. 443.

VALADÃO, Hélio. **Santo Antônio de Jesus, sua gente e suas origens**. Exemplar gráfica e editora. Santo Antônio de Jesus-Ba. 2005.

VILAS BOAS, Ismar. **O Livro do Tombo: a história de São Miguel das Matas e do seu povo**. Trabalho mimeografado. Salvador-Ba. 1994. 291 p.

Artigo recebido para publicação em 07/03/2023
Artigo aprovado para publicação em 22/09/2023